

A história de Graciliano

Prof. Dr. Marcos Falchero Falleirosⁱ (UFRN)

Resumo:

Graciliano Ramos, como autor-ator, dá provas de que a obra literária vem do mundo e da história, uma obviedade que o bizantinismo contemporâneo obriga a lembrar.

Palavras-chave: Graciliano Ramos, evento e forma.

O percurso biográfico que acabou por conduzir Graciliano Ramos à autoria literária nasceu de uma alfabetização infeliz e do consequente incitamento para decifrar as letras, sob a promessa de uma colheita do mundo à maneira de os astrônomos lerem as estrelas do céu – imagem que a doce prima Emília lhe sugeriu para apaziguar as agonias em busca de sentido confessadas pelo menino semianalfabeto. Era o sentido que vislumbrara, a luzinha quase imperceptível, como diz o texto de **Infância**, que surgia longe, apagava-se, ressurgia, vacilante, nas trevas do seu espírito (1984b, p.201, 203). As letras gaguejadas, estrelas que acenavam com fascinação, vinham de um livro cuja estória, oferecida e a seguir negada pelo pai impaciente, falava de uma família perdida, à qual o menino se irmanava, na prefiguração dos deserdados de **Vidas secas**.

A retomada da vocação para a literatura em torno de 1924 exumará uma longa história, nove anos depois de enterrada pela experiência do Rio em 1915, seguida do casamento imediato ao retorno, quatro filhos e a viuvez em 1920. A coletânea das cartas, que publica a correspondência de Graciliano somente a partir dos seus 18 anos, indicia os antecedentes e revela farta produção já nesse primeiro momento, em 1910, até que ele voltasse do Rio.

Surpreendemo-nos ao deparar nas **Cartas** um jovem de espírito oposto ao que será o narrador escuro sob a geometrização clara da memória em **Infância**, montada quadro a quadro com a precisão da ordem cronológica. O menino febril, desde o despertar da consciência até a precocidade triste da primeira experiência sexual, que foi reencontrado em **Infância** a partir de 1938, em torno dos 46 anos de idade, vindo de **Angústia**, da experiência kafkiana da prisão e da consequente mudança para o Rio de Janeiro, da escrita de **Vidas secas** num quarto de pensão, enclausurado numa subjetividade expressionista e silenciosa, estranhada no mundo que se desvelava aninhado pelos gritos de uma família alheia, de pai e mãe cruentos, o menino não existe mais, ainda não existe nas cartas da juventude.

Entre a entrada no mundo pela passagem da alfabetização maltratada e a memória geometrizar da dor construída pelo escritor maduro, o que o intervalo em seus primórdios revela é o aconchego familiar que abriga o caráter jocoso do primogênito querido, cheio de bonomia e inteligência para com os limites dos pais, tratados com o mesmo carinho que o buliço das muitas irmãs meninas e do irmão quase dez anos mais novo, único irmão homem até o período da primeira viagem ao Rio de Janeiro.

Ao completar 19 anos, em 27 de outubro de 1911, em carta a Joaquim Pinto, refere-se ao irmão deste que já estava residindo no Rio, Rodolfo, como "ex-futuro membro da Academia Brasileira de Letras" – e percebemos que nessa condição também se inclui, pois a qualificação acusa Rodolfo de ter desistido covardemente da "obra monumental que estávamos a escrever" (com a obra em parceria e com a formulação à portuguesa do "estávamos a escrever" sente-se o ressaibo de Eça de Queirós e Ramalho Ortigão em **O mistério da estrada de Sintra**). Graciliano fala de sonetos, alude com galhofa a pseudônimos e reclama dos tipógrafos do **Jornal de Alagoas** que lhe estropiam os trabalhos, como fizeram com um texto seu, "uma coisa parecida com juízo crítico" sobre a tradução *Il cacciatore di smeraldi*, de Carlo Parlagreco.

Do mesmo modo a plasticidade do estilo seco e a imobilidade de um construtivismo duro, composto sob o regime da paralisia e da dificuldade, além do Parnasianismo e de Coelho Neto, revelam suas raízes nas ansiedades do autodidata pela determinação do real: seja no soneto “Céptico” (apud FACIOLI, 1987, p. 30), em que aos 16 anos a profissão de antifé do conteúdo faz jus à contraposta falta de musicalidade de sua sintaxe precisa, seja dezessete anos depois, com uma existência passada por muitas provas, mas ainda não tantas, em que o viúvo e comerciante de 33 anos, em Palmeira dos Índios, começa a reavivar o interesse intelectual firmando o argumento materialista através da divagação filosófica, “salada de tolices” a moer a paciência do bom Pinto, contraditória ao antigo idealismo do amigo e à leitura do astrônomo e espírita Flammarion, indicada pelo pai do amigo, o farmacêutico “Dr.” Mota:

Tenho observado que o nosso caboclo não percebe as cores. Um sujeito sabido quis um dia demonstrar-me que o matuto distingue as cores como toda a gente e apenas se engana nos nomes delas, o que é absurdo, porque não é possível que não possa gravar seis ou oito palavras uma criatura que ordinariamente dispõe de um vocabulário de duas ou três mil. Um dia destes, no banho, diverti-me em atirar à bica punhados de folhas. Depois ia vê-las cair, mas, por mais que fizesse, por mais que fixasse a vista, apenas via atravessar a corrente uma faixa verde. Ora, se o sentido que eu tenho mais perfeito assim me engana que valor posso dar ao que ouço, ao que pego, ao que os outros me dizem que viram? (1994, p. 82)

Trata-se de uma visão de mundo desdobrada dialeticamente pela vida toda, como prova o construtivismo da obra literária daí advinda a modo de resposta pétrea à instabilidade do real. Mas ainda que o cepticismo seja mais que fingimento poético do rapaz de 16 anos, a jovialidade esperançosa é visível no período anterior ao Rio de 1915, compondo uma ilha de Belle Époque alagoana, escondida sob pseudônimos como “Soeiro Lobato” ou nas cartas sertanejas entre os dois amigos, à qual tanto deverá a configuração de **Caetés**. É uma época que traz a germinação antitética do caminho marxista inaugurado em **S. Bernardo**, pressentida no programa de estudos de fevereiro de 1914: a **Origem das espécies** e **O capital**, entre outras heresias, e “uma infinidade de gramáticas”: “De nenhum livro cheguei a ler vinte páginas.” Assim, depois das leituras de Sociologia Criminal em 1924, **S. Bernardo** retornará à fonte em 1932 para a construção de seus bastidores, como confessa em carta a Heloísa Ramos: “E não escrevo mais hoje. O **S. Bernardo** espera até amanhã. Agora vou enxugar a cabeça, ler um bocado de economia política, dormir e sonhar com você.” (1994, p. 24)

Tais leituras de “economia política” mostrar-se-ão motivo inesperado de acusações, como as de Manuel Leal, lembradas em **Memórias do cárcere**. O velho conhecido do interior de Alagoas quer saber por que está preso. Quando Graciliano responde que também não sabe o motivo de sua prisão, o homem engasga-se apoplético, e, sem se preocupar com o mínimo de discrição, grita acusações que poderiam servir à polícia:

— Você? Ora essa! Está preso porque é comunista. Sempre foi. [...]
— Desde menino. Sempre foi. Ainda usava calças curtas e já lia essas coisas no balcão de seu pai. Mas eu? Que foi que eu fiz para estar aqui? Hem? Explique. (1985a, v. II, p. 123)

Vinte e dois anos antes da Colônia Correcional de Dois Rios, no meio de 1914, ao saber da ida do amigo Joaquim Pinto, de Viçosa para o Rio de Janeiro, entre a alternativa de tornar-se padre, afirmada com ênfase suspeita, e a de seguir o amigo, transformado em convidado, repentinamente apresenta a proposta gaiata:

Ontem, durante o dia e durante a noite, tomei uma grande resolução. Parece-me que vou para o Rio. Queres ir comigo? (1994, p. 31-32)

No Rio, em maio de 1915, aos 22 anos, definida sua retirada nove meses após a chegada, ele confessará ao pai, num anúncio da interioridade complexa que se desvelará na obra futura, que só escreve coisas tristes para guardar consigo, as que publica são alegres, e mesmo – diz, com excesso de escrúpulos – impróprias para a irmã mais nova que Leonor, Otília, a quem evitou enviar as crônicas do **Paraíba do Sul**, feitas numa linguagem “um tanto ligeira”, inadequada à “ignorante provinciana que vestes saias largas”, “que não come com garfo, não tem doze dúzias de namorados.” (1994, p. 59)

Graciliano conta em *Palmeira dos Índios* com cabeças de gado, mas que diminuem: “Parece que não tenho sorte com gado” (1994, p. 44) – diz à mãe, de quem beija as mãos, com a recíproca do prazer, por ela declarado, de receber suas cartas. O futuro criador de Paulo Honório, nas primeiras notícias em outubro de 1914, já começa a falar de sua volta – mas só depois de vencido: aí, sim, prenunciando o começo de vida do narrador de **S. Bernardo**, aprenderá “a comprar couros” e nunca mais há “de abrir um livro”. Entretanto, antes da ascensão de Paulo Honório e do retorno a Luís da Silva, ele passará por João Valério, que resolveu escrever seu romance histórico depois de ficar órfão, “quando a Felícia me levou o dinheiro da herança, precisei vender a casa, vender o gado, e Adrião me empregou no escritório como guarda-livros”. (1984a, p. 22)

Envia notícias à terra também através do **Jornal de Alagoas**, com a coluna “Linhas tortas”, assinada por R. O. [Ramos de Oliveira], que as crônicas coletadas no volume póstumo com esse título datam exclusivamente de março de 1915. O mais pungente para o leitor das **Cartas** desse período é percorrer sua alegria entusiasta e zombeteira, inocente da morte dos irmãos dali a uns meses ou dias, mostrando-se zeloso e confidente com a irmã de idade mais próxima à dele, Leonor *del mio cuore* (1994, p. 60), fazendo birra fingida com a outra que não lhe escreve, recebendo delas notícias infantis do irmão Clodoaldo. A mãe recebe suas provocações a respeito da sexta-feira santa, data de que ele toma conhecimento ao passar pelo cartaz de um cinema (p. 54), apresentando com traquinice mais uma tipologia das que articularão a obra através da coleção caleidoscópica de peças pétreas do “é assim que é”, em obsedações iterativas como a ressurgida em **Caetés**, em meio ao burburinho natalino, no filme que João Valério rejeita abusado ao ver o cartaz na porta do cinema: **Vida, paixão e morte de Nosso Senhor Jesus Cristo** (1984a, p. 115). Para amenizar o jejum a que são obrigados pela dona da pensão, que piedosamente lhes surrupia o almoço e o jantar, seu antídoto é mergulhar na leitura de **A relíquia**, de Eça de Queiroz, a **Loucura de Jesus** [de Dr. Charles Binet-Sanglé¹] e o **Evangelho de S. Mateus**. Na rua, além de fugir da pasmeira do feriado dedicando-se ao bilhar até a uma da madrugada e oitocentos réis gastos nas partidas, jejua de acordo com a Santa Madre Igreja, mas como o peixe carioca é considerado pelo sertanejo “ruim como o diabo”, jejua na capital litorânea “carne, muita carne, feijão, arroz, verduras” (1994, p. 55). O Luís da Silva de verdade, antes da hiperbolização expressionista da miséria, divulga a imagística

¹Charles Binet-Sanglé (1868-1941). **A loucura de Jesus**. Lisboa: Guimarães Editores, 1910. Para caracterizar a formação do quadro ideológico de Graciliano é interessante ver referências a Binet-Sanglé no ensaio de Benito Bisso Schmidt - UFRGS - O Deus do progresso: a difusão do cientificismo no movimento operário gaúcho da I República. In: **Revista Brasileira de História**. vol. 21 no. 41 São Paulo, 2001. ISSN 0102-0188, cujo objetivo é examinar a difusão de teorias científicas, positivismo, antropologia criminal, espiritismo kardecista para a conformação de um estilo autoritário no movimento operário gaúcho do período, por onde o autor avalia na concepção positivista uma etapa de transição para o socialismo no Rio Grande do Sul, como, por exemplo, na confissão de que chegou por essa via ao socialismo, dada por Dyonélio Machado em **Memórias de um pobre homem**. Diz Benito Bisso Schmidt: “[...]Os exemplos dados até aqui referem-se quase exclusivamente à difusão das teorias científicas no âmbito da social-democracia onde, sem dúvida, esta foi mais acentuada. Contudo, também nos escritos produzidos pelos anarquistas é possível encontrar passagens reveladoras da valorização da ciência e da razão. No jornal libertário **A Luta**, por exemplo, pode-se ler uma justificativa científica para o anticlericalismo: A religião é uma enfermidade. Assim o demonstra o dr. Binet-Sanglé, professor da Escola de Psicologia, de Paris, em uma notável série de estudos fisiológicos subordinados à epígrafe: As leis psicofisiológicas do desenvolvimento das religiões: ‘A religião tem como condição primeira a fé, que suprime a razão. Dahi o crente carecendo de equilíbrio intelectual é uma vítima assinalada para todas as sugestões.’ ” In: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882001000200006 - Acesso em 25-05-2007.

popular do copo d'água gratuito, em carta de julho a Leonor:

Ontem encontramos-nos no mesmo café [Café do Rio], nosso ponto de reunião à noite. É lá que eu, Rodolfo e outros indivíduos assim, nos encontramos sempre. Discutem-se coisas transcendentais e pedem-se aos criados copos de água...gratuitos. Às vezes há o extraordinário de uma xícara de café ou de um cálice de anis. Quem se permite semelhantes luxos é o velho Cordeiro.

No início de julho, pouco tempo antes de a irmã morrer, ele transpira entusiasmo ao falar de “uma tarde magnífica”, num encontro literário, “há coisa de um mês”, com o Pinto, agora seu companheiro de quarto, e o novo amigo Falcão, que já tinha lido **A carta** e **O discurso**, e a quem mostra naquele dia **A maldição de Jeovah** (1994, p. 59-61): um título que aguça a curiosidade do arqueólogo, provoca o lamento pela extinção de tal peça e sugere nos seus termos a inexorabilidade do fantasma de Mário Venâncio. O interessante em relação a **A carta** é que se o título for do mesmo tema e desdobramentos, o reputado prototexto de **S. Bernardo**, desprezado pelo autor para evitar a precariedade dos bonecos do original (cf. RAMOS, 1979, p. 54-55), mostra mais recuada sua presença subconsciente na engenharia da obra, no texto que em julho de 1915 Falcão já tinha lido. O texto descartado em 1924 indicaria sua origem nove anos antes, a quatro meses do encontro entre os amigos, quando em carta de fevereiro de 1915 à irmã (1994, p. 52), Graciliano se desculpa da pressa por estar muito ocupado em modificar **A carta**. Poder-se-ia presumir, mais ainda assim, a radical pré-destinação de seus temas, que a dialetização materialista entre biografia e expressão, estilo e história, irá gradativamente desvelando no rumo do equacionamento preciso de uma obra produzida pelo **logos**, que Deleuze contrapõe ao antilogos de Proust: um logos no qual “a Inteligência vem sempre **antes**”, “em que nada mais se faz do que reencontrar o que já estava dado de antemão”. (DELEUZE, 1987, p. 104)

A definição pela volta vem de uma ponderação de inutilidades. Assim, entre saber-se inútil em Palmeira, onde servia “para ensinar gramática aos rapazes”, na condição de “professor **avacalhado**”, “burro como o diabo”, e a permanência ociosa no Rio de Janeiro à espera de serviço, prefere a inutilidade em casa. Mas aparecem oportunidades que deixam surpreendentemente confuso este espírito preciso, em carta ao pai, cerca de três meses antes de seu retorno:

se o velho Cordeiro, o único português **passável** que há no Rio, conseguir minha entrada no jornal de que falei [**A Tarde**], como efetivo, é claro, e o Rodolfo arranjar-me qualquer coisa na **Gazeta [de Notícias]**, parece-me que fico. [...] (p. 58)

Bizantinices de complexidade crescente tomaram conta do pensamento ocidental no século XX, a caminho da falência do vigor reflexivo do século anterior e da ruína do marxismo, ainda que esse fracasso na prática lhe confirmasse a dialética da teoria. Um dos estágios da embrulhada, preparativo de outros mais intrincados, entendeu que os estudos literários deveriam ater-se à interioridade dos textos, cuja articulação seria autorreferente, esquecendo que a referencialidade da linguagem que os compõe esteja fora deles. Com isso obnubilou a obviedade, a partir daí proibitiva, embora acessível a qualquer bom senso bem disposto: o autor existe e produz a obra graças a uma sensibilidade artística resultante de uma síndrome biográfica casual, cujos fatores mobilizam para a estética da criação sua vivência, psicologia, a encenação de si, a tradição literária e cultural a que teve acesso, atravessadas pela empiria histórica de seu tempo, equacionadas pela autoria como visão de mundo.

É essa de fato a complexidade do óbvio, sua singela visibilidade requerendo a interpretação da obra literária, operação que deverá lembrar-se da opacidade da linguagem, que é sua essência, ao ser, como linguagem, resultante da infinidade de significações potenciais da referência esparsa. Num ensaio de combate à bizarria, Alfredo Bosi observa as relações de ler-colher e interpretar-escolher: “Entre o querer-dizer e o texto ultimado há a distância que separa (e afinal, une) o evento

aberto e a forma que o encerra” (BOSI, 1988, p. 275). Frisa os dois termos trazidos da filosofia estética do italiano Carlo Diano: **evento** e **forma**. O evento deve ser visto como um modo mais complexo de dizer conteúdo: evento é a experiência do mundo subjetivada no artista, à qual ele dará forma em sua expressão estética.

Antonio Candido lembra em “A personagem do romance” que no desenvolvimento novelístico as **idéias** são o **enredo**, e o enredo é a **personagem**: “estes três elementos só existem intimamente ligados, inseparáveis, nos romances bem realizados” (2002, p. 54). Mais à frente observa a relação entre realidade e ficção, que faz desta um filtro daquela, porém com estrutura própria na montagem interna de sua coerência e verossimilhança, mais articuladas que a vida. A **autoria**, unidade daquela trindade, mostra-se a fonte de memória do processo criativo, por onde se darão os níveis gradativos de aproximação e afastamento do real para a produção das personagens, isto é: das idéias, ou seja: do enredo – personagens copiadas, recompostas, refletidas, alusivas, deformadas, condensadas a partir da realidade do mundo e da corrente coletiva da arte, que o artista absorve e trabalha.

O “velho Cordeiro” prova ter sido, pela menção carinhosa nas cartas, um dos poucos conhecimentos do jovem Graciliano Ramos que o cativaram no período de sua primeira experiência no Rio de Janeiro, entre 1914 e 1915, de tal modo que se pode presumir seu reaparecimento em **S. Bernardo**, sob a forma de Seu Ribeiro, o empolado senhor encontrado por Paulo Honório em Maceió, “chupando uma barata [: sendo logrado] na **Gazeta** do Brito”: “Via-se perfeitamente que andava com fome”. Despertada sua simpatia, sem que apresente explicações, Paulo Honório contrata Seu Ribeiro como guarda-livros e, dando-lhe alguma confiança, ouve a história do personagem cujo nome traz a ressonância de uma facúndia caudalosa. Dezesete anos antes, em janeiro de 1915, ao comentar com o pai o ambiente do jornal em que trabalhava, Graciliano lamenta um semestre de intriguinhas naquele meio, mas ressalva “alguns companheiros que parecem bons”:

Entre eles, conheço um velho, um português paupérrimo com quem trabalho sempre, boa criatura com quem me entretenho sempre em longas palestras e que lamenta que indivíduos mais ou menos preparados como nós (é amável e não é modesto) vivam na miséria, enquanto se empregam uns boçais...Pensam que eu vivo na miséria, porque ganho pouco. (1994, p. 45)

O detalhe aparentemente banal torna-se relevante ao contextualizarmos o “autor-ator” (PINTO, 1962) no seu percurso biográfico extensivo, sob cujas condições subjacentes da memória é conduzido o momento específico de 1932 em que se iniciou definitivamente a construtura do romance, articulada pela dialetização estética entre a situação pessoal e a avaliação histórica para a fantasia do enredo.

Cavar, cavações, trepar são os termos constantes não só desse período mas de toda a obra, que flagram o autor na condição pequeno-burguesa de candidato à ascensão, como membro de uma camada que, afinal, “não vive na miséria”, mas cujas tarefas se prismatizam em: superar-protéger o pai em suas erradas – fazendeiro falido em Buíque inescapavelmente reposto ao balcão – submeter-se-rebelar-se frente às expectativas patriarcais dele, atender-driblar os valores que coagem a ambos na teia social e, enfim, a infraestrutura: sustentar e educar muitos filhos.

O caráter de autocrítica genética, atribuível a **Infância**, comprova-se pela sondagem que a obra realiza em busca das razões de sua literatura, sob cujo espectro se abrem os polos da psicologia individual e do contexto social e histórico, terreno seco de onde vem o brotamento do estilo e a sementeira temática das futuras produções estéticas, ali palmilhadas retrospectivamente à saciedade, como, por exemplo, na descoberta, pelo menino, do pai do homem. O menino desperta para a consciência das diferenças do mundo quando vê o contraste entre o gibão enfeitado do pai e os trajes esfarrapados dos empregados na fazenda “Pintadinho”, de Buíque, que a avó materna havia recomendado ao genro adquirir (RAMOS, 1979, p. 24), como caminho decente para vencer na vida, acima da mediocridade muito mixa do balcão. Antes que as nascentes sequem e que o gado se fine

no carrapato e na morrinha, não ocorre ao filho que o poder possa estar fora do pai:

Vi-o arrogante, submisso, agitado, apreensivo – um despotismo que às vezes se encolhia, impotente e lacrimoso. [...] Se ele estivesse embaixo, livre de ambições, ou em cima, na prosperidade, eu e o moleque José teríamos vivido em sossego. Mas no meio, receando cair, avançando a custo, perseguido pelo verão, arruinado pela epizootia, indeciso, obediente ao chefe político, à justiça e ao fisco, precisava desabafar, soltar a zanga concentrada. (1984b, p.30)

Tal será a condição do escritor, que experimentará os temas ficcionais, gradativamente em descenso, sob as condições possíveis de sua origem, exacerbando-se na vitória de Pirro de Paulo Honório ou, encolhendo-se, “major” Graça aquém do coronel, mais ainda para baixo, indo da condição mediana sempre na corda bamba à falência rural definitiva em Luís da Silva. Aqui já se pode pressentir o rebaixamento de suas origens familiares, principalmente da arrogância latifundiária pelo lado materno, depreciada através do lado paterno, no enredo, pelo espelhamento enviesado do Luís da Silva sem mãe: uma degradação que vai do longo nome do avô tresloucado Trajano Pereira de Aquino Cavalcante e Silva para o pai inerte, espírito de literato, leitor de Carlos Magno, reduzido a Camilo Pereira da Silva. O Diretor da Imprensa Oficial, enquanto recebia as visitas de Benon Maia em 1930, ficava “a olhar, sob um telheiro próximo, um homem que enchia dornas e uma mulher que lavava garrafas” (1985a, v.1, p. 57), visão obsessiva transferida para a Rua do Macena, perto da usina elétrica, onde mora o funcionário submisso Luís da Silva, inventado na residência da Praia de Pajuçara pelo Diretor da Instrução Pública, em 1935. O Major Graça, da posição privilegiada de autoridade do governo, concede um olhar compreensivo para baixo, onde encontra a si mesmo, na prefácio de **Infância** carregada no rebaixamento. O estilo autoritário e duro, sertanejo, asseverativo, não se dá o direito à autocomiseração, revertida em diagnóstico da desgraça universal do humano sob a desigualdade, e o decoro antichoramingas enfrenta o mundo para criar a expressão de um estoicismo nordestino. Como indica a carta a Ló, de março de 1935, a casa do funcionário miserável Luís da Silva, na Rua do Macena, é a mesma do Diretor da Instrução Pública, na Praia de Pajuçara:

Acabo de almoçar e, como é natural, bebi um bocado de aguardente. Vou dormir. Em seguida retomarei o trabalho interrompido há cinco meses. Julgo que continuarei o **Angústia**, que a Rachel [de Queiroz] acha excelente, aquela bandida. [...] Escrevi ontem duas folhas, tenho prontas 95. Vamos ver se é possível concluir agora esta porcaria. [...] No quintal procurarei escrever a continuação do romance, que se passa num fundo de quintal, como v. sabe. (1994, p. 140-141)

Atinge finalmente a saída de si como autor-ator, na sondagem do outro, através de Fabiano e família, quem sabe auxiliado pelo primeiro aprendizado, “obrigado a participar do sofrimento alheio” com o moleque José, no episódio de **Infância**, quando, sinhozinho, enxerindo-se a ajudar o pai no castigo do moleque, o castigo do pai se voltou para ele (1984b, p. 88). Carlos Alberto dos Santos Abel comenta a necessidade que Graciliano tem da experiência concreta para a elaboração ficcional (1999, p. 289-293), desde detalhes pessoais aproveitados para o “efeito do real” até “o fator econômico do romance” (cf. RAMOS, 1980, p.253-259), que o materialismo dialético de Graciliano formula, revelando sua atilada coerência entre a prática da construção estética e a reflexão ensaística. É o que lembra a declaração de Graciliano, em **Viagem**, a respeito da sugestão, que ouvira há anos, de utilizar os camponeses do Nordeste num romance:

Apesar de sertanejo, achava-me incapaz de fazer isso, e antes de viver com esses homens na cadeia, dormindo nas esteiras podres e dividindo fraternalmente os percevejos, não me arriscara a aceitar o conselho. (1984c, p. 134) (cf. PINTO,

1962, p. 174; REIS, 1993, p. 62-73)

O tema atravessa **Memórias do cárcere** sob variados aspectos, como a percepção de que suas “prerrogativas bestas de pequeno-burguês” tinham acabado, quando o tenente vingativo veio prendê-lo, ou quando o estivador Desidério repele cortante suas propostas (1985a, v. I, p. 48, 157, 251, 321). Entretanto, sabemos que pôde aprender a sensibilidade dos desvalidos desde a infância, sempre segregada do aconchego dos pais, substituído pelo acalento das figuras populares dos empregados, como José Baía e o vaqueiro Amaro (cf. RAMOS, 1979, p. 24-25), figuras recorrentes na obra, espelhadas por personagens fictícios ou mencionadas pelo nome. José Baía canta para Luís da Silva (2000, p. 142 e 188) o que canta para o menino de **Infância** (1984b, p. 12), que é o que canta Casimiro Lopes para o filho sem mãe de Paulo Honório (1985b, p. 136):

Eu nasci de sete meses
Fui criado sem mamar
Bebi leite de cem vacas
Na porteira do curral.

Mas o mais significativo em relação ao sobe-desce no experimento das classes, que ele resume em três, de acordo com a disposição marxista – o burguês, o pequeno-burguês e o proletariado, e com elas esgota sua ficção, é o depoimento a respeito da formulação de **Vidas secas**, quando indica a origem de Fabiano, Sinha Vitória e os dois meninos – além de Baleia, inspirada na cachorrinha Piaba, cuja morte o menino impressionável testemunhou na fazenda de Maniçoba, dos avós maternos:

Transformei o velho Pedro Ferro, meu avô, no vaqueiro Fabiano; minha avó tomou a figura de Sinha Vitória; meus tios pequenos, machos e fêmeas, reduziram-se a dois meninos. (apud RAMOS, 1979, p.25 e 124)

Clara Ramos indica a genealogia do autor: pelo lado materno, prósperos criadores de gado, seu avô Pedro Ferro é o patriarca que conserva a propriedade e a autoridade na família, e, pelo lado paterno, senhores de engenho arruinados (1979, p.24), o avô Tertuliano, natureza sensível e recolhida, com quem o neto sem saber aprendeu a fazer romances, vendo o seu fabrico caprichoso, rústico e pessoal de urupemas, a que se refere em **Infância**. Aí, Graciliano relembra a mudança para Viçosa, onde o pai continuava a esforçar-se demais por “aguentar-se e trepar”. Com vertigens e síncope, desacordava, e os filhos se alarmavam, chorosos.

A condição primitiva do capitalismo brasileiro não abrandava a qualificação insultuosa à atividade de literato como “indecente meio de vida” (RAMOS, 1980, p. 194), ainda que aí pragmatismo e pulso vencedor impostos pela ideologia burguesa do trabalho estejam restritos a uma geografia mais próxima do bucólico no país dos bacharéis que da exploração de mais-valia na indústria. Entretanto, exemplo mais forte que o governador Álvaro Paes, divulgava-se pelo sertão a figura lendária de Delmiro Gouveia (cf. RAMOS, 1976, p. 113-116), que, fora da regra, levava de maneira arrojada a industrialização para o interior alagoano: dentro da verossimilhança possível a Viçosa, foi certamente o modelo para a elaboração do personagem Paulo Honório e da fazenda com movimentação de “presépio animado” (PINTO, 1962, p. 71), organização agroindustrial quase impensável para o tempo e o lugar, se não fosse a proximidade do contraexemplo geométrico e autoritário de Delmiro Gouveia.

O demissionário desajuizado, que se dá o luxo de repulsa à burocracia autoritária do novo regime da Revolução de 30 e o direito a encrespações éticas contra o mundo maleável do **cavador** Evaristo Barroca, de **Caetés**, volta desempregado da Diretoria da Imprensa Oficial no raiar de 1932, de Maceió para Palmeira dos Índios, sob os olhares do sogro, do pai e da esposa grávida de uma talvez Clara: pai de família de quatro filhos do primeiro casamento e das duas crianças deste, Ricardo e Luísa. Sempre vacilante quanto a abandonar o chamado magnetizante para a literatura,

deixara de vez, como tinha prometido nas cartas, seu vício para o “indecente meio de vida” ao voltar fracassado do Rio em 1915. Depois, viúvo, com as escapadas para o jornal **O Índio** em 1921, acabara por entregar os pontos pelos idos de 1924.

Agora, recolhido à sacristia da igreja do padre Macedo, ocorre um curto-circuito significativo entre a biografia e a estética da criação literária. Ele procura um modo de vencer na vida: como escritor – um interdito, que quer transgredir e compensar pelo renome. Contra a irresponsabilidade improdutiva, condição intensificada pela presumida falência do primeiro romance ainda empacado com Schmidt, o literato fantasia o pragmatismo de Paulo Honório – que tem muito do seu estilo e dos relatórios do prefeito que revelaram para todo o Brasil o escritor alagoano – para atender literariamente a cobranças contra a literatice, como a que o governador Álvaro Paes lhe fazia em 1930, referidas à Ló em meio à revolução e ao aprimoramento de **Caetés**, em 10 de outubro: plantar mamona: “Se eu não fosse tão burro, já estaria esgaravando a terra e criando porcos”(1994, p. 116). A personalidade generosa do amigo governador, dinâmica, empreendedora e incansável, que “aumenta a produção, abre estradas magníficas, povoa regiões desertas”, é homenageada com simpatia em crônica de 1930, com seu nome no título:

Às vezes Álvaro Paes encontra no sertão alguns sujeitos pedantes, abominavelmente sabidos, [...] em leituras inúteis. Não se perturba. Fala em Anatole France, em Renan e na Grécia. Depois, com sagacidade, vai metendo na conversa, em doses adequadas às circunstâncias, agricultura, pecuária, bancos e açudes. (1980, p. 90)

O ex-prefeito, cuja temporada pragmática provou bem sua capacidade empreendedora, confessaria depois de consagrado como escritor que essa espécie em que ele se degenerou só é capaz de fazer alguma coisa no papel: “Diante do papel é tudo: pinta o sete, mata, esfola. Tirem-lhe a pena e o tinteiro – desarmam-no”(1980, p. 102). Na recaída literária canalizou a ação de sua dinâmica administrativa para o tom dos relatórios, tom que Paulo Honório repete dois anos depois, praticamente *ipsis litteris*, através do estilo fazedor de “o resto é bagaço” (1985b, p. 77-78): afinal, nada mais que o estilo de Graciliano Ramos, que rompe com a empolgação bacharelesca atendendo às exigências pragmáticas da modernidade burguesa e carregando nisto sua antítese contra as brumas mistificadoras do capital.

A adesão aos valores capitalistas, entretanto, opera-se com o fingimento ficcional sob a forma da literarização, que simultaneamente procura atender no enredo à cobrança da ascensão, imposta pela oposição cavador x literato, com a fantasia compensatória que encarna em Paulo Honório. O viés modernista desta retórica do seco é antinômico, tanto quanto é capciosa toda a limpeza do ornamental imposta pela arte moderna. É um golpe de adesão e recusa que a autoria pratica, compondo num **romance do futuro** a **projeção hipotética** que percorre marxistamente os bastidores escabrosos do heróico avanço modernizante, nos termos da apologia do progressismo burguês no **Manifesto comunista**². Com isso cumpre a tarefa de realizá-la para catarticamente livrar-se dela, pelo prognóstico de seu fim, percorrendo o caminho antevisto do processo, graças à condição periférica das ideias fora de lugar, que acredita na repetição dos esquemas históricos europeus. A ambiguidade dialética do romance está em que o “fazedor”, figura da clareza simpática ao progressismo burguês, vitorioso contra a estagnação acanalhada da “literatice”, simultaneamente repassa pela literatura a escuridão das sombras de Fausto, a repulsa culposa e catártica às barbaridades daquele progresso. Não à toa, após ter iniciado o capítulo XIX e durante a cirurgia em Maceió motivada por psoíte, Graciliano, febril, queria que lhe cortassem uma metade sua, podre, chamada “Paulo”, “essa estupidez” delirante que, em circunstâncias imprevistas, o prisioneiro elaborou sob forma de conto, quatro anos depois, na oficina de encadernação da Sala da Capela

² cf. a respeito: *Fausto, o Manifesto comunista e S. Bernardo*. In: GALLE, Helmut; MAZZARI, Marcus (orgs.). *Fausto e a América Latina*. São Paulo: Humanitas, 2010. p 353-362.

(1985a, v. II, p. 207-212).

O conhecimento do velho Cordeiro dezessete anos antes de **S. Bernardo** levaria o literato a ir buscá-lo para a formulação de Seu Ribeiro, simbolizando, com a companhia e o consolo do senhor pobre e gentil, uma época falida, mas reduto perdido de humanidade acolhido pelo fantasma autoral do narrador, seu ex-companheiro e confidente de misérias nas salas de revisão do Rio: era o velho português que, recebendo, agora nesta inversão sugestiva, grata retribuição ficcional com um emprego decente, havia lhe arranjado lugar como revisor permanente em **A Tarde**. O fulcro do romance para a condução de Paulo Honório ao abismo são as escorregadas sistemáticas e contínuas da sensibilidade: o autor, enquanto protege, supera e corrige o pai, fugindo da seca do sertão pernambucano de Buíque e sabendo escolher um local fértil como o da propícia Viçosa, faz uma fazenda que preste, ao mesmo tempo em que toma partido do lado paterno, pela delicadeza inútil do avô Tertuliano, que lhe ensinou a fazer, com estilo próprio, romances rústicos e fortemente articulados. Assim o “literato” desencaminha a trajetória pretensamente direta de sua outra metade dura, “pragmática”, a uma simpatia inexplicável e nostálgica pelo velho e empolado Seu Ribeiro, admonitória do destino trágico da ascensão capitalista, cuja crueldade havia solapado com precisão e indiferença aquele mundo antigo: “Para quê?” – pergunta Paulo Honório no último capítulo.

Referências Bibliográficas

ABEL, Carlos Alberto dos Santos. **Graciliano Ramos – cidadão e artista**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

BOSI, Alfredo. A interpretação da obra literária. In: **Céu, inferno**. Ensaios de crítica literária e ideológica. São Paulo: Ática, 1988.

CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: CANDIDO, Antonio et alii. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2002. (Debates)

CRISTÓVÃO, Fernando Alves. **Graciliano Ramos: estrutura e valores de um modo de narrar**. Rio de Janeiro: Brasília/Rio, 1977.

DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

FACIOLI, Valentim. Um homem bruto da terra. Biografia intelectual. In: GARBUGLIO, José Carlos et alii. **Graciliano Ramos**. São Paulo: Ática, 1987. (Escritores Brasileiros, 2)

FALLEIROS, Marcos Falchero. **Fausto, o Manifesto comunista e S. Bernardo**. In: GALLE, Helmut; MAZZARI, Marcus (orgs.). **Fausto e a América Latina**. São Paulo: Humanitas, 2010. p 353-362.

GALLE, Helmut; MAZZARI, Marcus (orgs.). **Fausto e a América Latina**. São Paulo: Humanitas, 2010.

GARBUGLIO, José Carlos et alii. **Graciliano Ramos**. São Paulo: Ática, 1987. (Escritores Brasileiros, 2)

LIMA, Yêdda Dias e REIS, Zenir Campos (coords.). **Catálogo de manuscritos do Arquivo Graciliano Ramos**. São Paulo: IEB, Edusp, 1992.

PINTO, Rolando Morel. **Graciliano Ramos – autor e ator**. Assis: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, 1962.

RAMOS, Clara. **Cadeia**. Rio de Janeiro: José Olympio; Secretaria Estadual de Cultura, 1992a.

———. **Mestre Graciliano – confirmação humana de uma obra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

RAMOS, Graciliano. **Angústia**. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2000.

———. **Caetés**, Rio de Janeiro: Record, 1984a.

———. **Cartas**. Seleção das ilustrações, edição e apresentação de James Amado. 8 ed., ampliada. Rio de Janeiro: Record, 1994.

———. **Infância**, Rio de Janeiro: Record, 1984b.

———. **Linhas tortas**. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 1980.

———. **Memórias do cárcere**. 2v. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 1985a.

———. **São Bernardo**. Rio de Janeiro: Record, 1985b.

———. **Viagem**. Rio de Janeiro: Record, 1984c.

———. **Viventes das Alagoas**. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, Martins, 1976.

RAMOS, Ricardo. **Graciliano: retrato fragmentado**. São Paulo: Siciliano, 1992b.

REIS, Zenir Campos. Tempos futuros. In: **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. n. 35. São Paulo: USP-IEB, 1993.

SANT'ANA, Moacir Medeiros de. **Graciliano Ramos. Achegas biobibliográficas. Graciliano Ramos antes de Caetés**. Catálogo da exposição biobibliográfica 50 anos do romance. Maceió: Arquivo Público de Alagoas/ Senec, 1973, 1983.

SCHMIDT, Benito Bisso. O Deus do progresso: a difusão do cientificismo no movimento operário gaúcho da I República. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882001000200006- Acesso em 25-05-2007.

iAutor

Marcos FALCHERO FALLEIROS, Prof. Dr.

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Departamento de Letras

marcfal@ufrnet.br